

UM ESTUDO GEOGRÁFICO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO NA ANTIGA RELAÇÃO METRÓPOLE-COLÔNIA

Janáina Mourão Freire¹

Essa pesquisa pretende trazer uma nova forma de entender a realidade do sistema educacional brasileiro partindo da historicidade do mesmo e utilizando um olhar geográfico. Como colônia portuguesa, o Brasil herdou práticas e linhas de pensamento que eram adotadas na metrópole. A começar pelos primeiros seminários-escola, essencialmente jesuítcos e chegando até a nova reforma proposta por Marquês de Pombal, e adotada também na colônia, que nesse período ainda não possuía nenhuma universidade, é possível compreender o funcionamento atual do sistema de ensino do país. Desde 1549 quando a primeira escola jesuítica foi construída na vila de São Vicente, em São Paulo, até os dias atuais, muito aconteceu. No entanto, tantas outras características permanecem imunes ao tempo. Esse trabalho não pretende ainda apresentar soluções e limitar-se-á em atuar de forma descritiva a respeito, especificamente, do sistema educacional jesuítico, servindo como base para trabalhos posteriores. O estudo se centrará na análise do ensino básico e médio, tido como ensino secundário. A escolha dessa etapa de ensino não está só vinculada na necessidade de se reduzir o objeto para uma melhor compreensão do mesmo, mas também no interesse em refletir hierarquicamente, por etapas, ou seja, a partir das séries iniciais no processo de educação de um cidadão. A abordagem geográfica estará presente, trazendo a tona a importância do geógrafo na solução de problemas referentes ao ensino. Para a construção do mesmo utilizou-se de bibliografia das mais variadas, desde o que se refere a textos clássicos sobre educação como a literaturas atuais sobre o modelo adotado no Brasil. Esse artigo foi construído durante um programa de intercâmbio, realizado por mim na Universidade de Coimbra, em Portugal, no período de um semestre. Com auxílio de professores da área os documentos originais ou muito próximos disso foram consultados e analisados. Textos como o *Ratio Studiorum*, estatuto de universidades, histórico dos seminários-escola, documentos dos Liceus Provinciais e outros foram encontrados. Esse artigo se limitará, e isto não o torna limitado, a analisar mais detalhadamente as características do *Ratio Studiorum* por ter sido esse, o regulamento acadêmico que definia o funcionamento das escolas da companhia de Jesus. A Geografia, através de um estudo do tempo no espaço, pode atuar como solucionadora de diversos problemas e limitações ainda verificadas nos dias atuais. Os geógrafos não mais se balizam a descrever simplesmente, pelo contrário, observa-se que esses profissionais vem sendo cada vez mais atuantes e práticos. “Já não basta a teoria geográfica localizar, demarcar e mapear o espaço. É preciso saber ler e entender de mudanças. De sorte que de um lado há que ter na cabeça novas ideias. De outro lado, há que ter nas mãos nova câmera” (MOREIRA, 2007:16). A geografia vem alcançando cada vez mais a compreensão da importância do papel que carrega. É fato que ainda haja divergências quanto ao objeto e em uma análise sobre a história da mesma vê-se que isso é uma grande discussão. No entanto, não acredito que haja contradições quanto aquela sensação que bate dentro de um geógrafo em que ele tem a certeza que mesmo não sendo entendido por pessoas de outras áreas, esta diante de uma ciência completa e maravilhosa. É preciso ser geógrafo para sentir.

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB

1. Introdução

O Ensino médio e o ensino fundamental brasileiro surgem em um Brasil ainda sem grande importância para a metrópole Lusitana. Assim como era em Portugal, criou-se no Brasil um ensino terceirizado, entregue totalmente nas mãos dos jesuítas. O estado além de entregar a uma ordem religiosa essa responsabilidade, também se ausenta do compromisso de custear o sistema de ensino. O primeiro seminário-escola foi criado na Vila de São Vicente, em São Paulo, se estendeu e perdurou por mais de 2 séculos quando terá a reforma Pombalina. As escolas Jesuíticas, quando estudadas mais a fundo podem trazer grandes e essenciais respostas a respeito da história do sistema de ensino brasileiro. Elas estão na origem e suas influências podem estar presentes até os dias atuais.

Se tivermos uma concepção otimista do homem, educá-lo-emos(ou deixaremos que se eduque) para o seu desenvolvimento integral, a partir de dentro, na liberdade e para a liberdade – liberdade de pensamento e de consciência, liberdade de expressão e liberdade de ação. Se, ao contrário, tivermos uma concepção pessimista do homem, condicioná-lo-emos, a partir de fora, com normas rígidas a que tem de se submeter, sob pena de ser considerado um “marginal”, não o deixando, por isso, nem pensar pela sua cabeça, nem falar pela sua boca, nem agir segundo sua vontade. Mas procurando que pense, que fale e que aja segundo “cânones” pré-estabelecidos, que lhe são anteriores e exteriores. (GOMES:1991:146)²

A educação deve ser entendida como uma oportunidade de auxiliar o indivíduo no seu desenvolvimento. Não reprimir e nem abandonar. É o ponto de equilíbrio entre a necessidade de se ter uma sociedade com equidade nos direitos à educação e na liberdade de cada um optar pelo seu caminho. Mas para se optar é necessário ter a escolha. Com o intuito de entender a realidade que possuímos hoje, inicio esse primeiro trabalho de entendimento da historicidade do nosso sistema através de um olhar geográfico.

2. Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo expor através de um estudo histórico-geográfico as resultantes das medidas adotadas durante a colonização no que se refere a educação brasileira. Como forma de elucidar isso da melhor forma, e sem correr o risco de cair em anacronismo e efetuar qualquer julgamento sobre o que foi certo ou errado, apenas utilizarei um processo descritivo que seguido de um estudo mais aprofundado pode vir a trazer algumas respostas. De antemão já deixo claro que nesse trabalho inicial não pretendo ainda apresentar soluções, pelo contrário, esta claro para mim que isto seria demasiado pretensioso de minha parte.

Como delimitação do processo de estudo a análise decorrerá referente ao que chamamos de “ensino fundamental e ensino médio”, anteriormente tido como primário e secundário. A escolha dessas etapas iniciais no processo de educação de um cidadão, no caso brasileiro, se torna importante por estarem, na origem, vinculados ao mesmo sistema educacional, conhecido como sistema jesuítico. As escolas jesuíticas já presentes e bem fortificadas na metrópole portuguesa foram transferidas, ou melhor,

² Referente ao olhar do pedagogo

expandidas para a colônia brasileira. Durante muito tempo foram elas as responsáveis pela educação na região lusitana da América do Sul. Não chegaremos a abordar sua eliminação e o surgimento do sistema Pombaliano. Abordarei então inicialmente uma exposição sobre o que é exatamente esse sistema. Em seguida haverá uma reflexão mais específica a respeito da influência nas escolas brasileiras. Em um terceiro momento efetuirei conclusões pessoais sobre a relação passado-presente através de um olhar mais especificamente geográfico, ou seja, vinculado ao estudo do espaço, contextos sociais.

3. Metodologia

Esse trabalho foi desenvolvido durante o intercâmbio realizado na Universidade de Coimbra, em Portugal. Tive acesso a documentos como o *Ratio Studiorum*, que regia as escolas jesuíticas, documentos de seminários-escolas e uma vasta bibliografia de estudos já realizados sobre o sistema de ensino desenvolvido pelo que a igreja católica chamava de Companhia de Jesus. Utilizou-se livros de geografia clássicos, assim como aqueles referentes a geografia atual. Por conseguinte se consultou a CF brasileira e a LBD (lei de diretrizes e bases). Alguns teóricos da educação também foram essenciais no estudo.

4. O sistema Jesuítico

Essa primeira parte do desenvolvimento será dividida em duas etapas, a primeira, de forma sucinta será uma breve introdução sobre a Companhia de Jesus e o momento em que essa se tornou uma ordem vinculada a educação. Na segunda etapa falaremos do sistema educacional em si utilizando principalmente o *Ratio Studiorum* como base para isso.

4.1 A Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus foi fundada em Agosto de 1534 por Inácio de Loyola e mais 6 companheiros, também estudantes, em Paris. Fizeram votos de castidade, obediência e pobreza, e mais um quarto voto em que se colocavam inteiramente a disposição do sumo pontífice para efetuar missões onde fosse necessário. Tinham como objetivo inicial a peregrinação na terra santa. Foram declarados sacerdotes e a Companhia manteve-se em expansão com cada vez mais membros na nova ordem que vinha se consolidando. O Papa Paulo III confirmou a existência da mesma através da Bula "*Regimini militantis Ecclesiae*", integrante da "Fórmula do Instituto" onde está contida a legislação substancial da nova Ordem. Em resumo, todo aquele que quisesse atuar como "soldado de Deus" deveria servir ao grande criador e ao "vigário seu na terra": o Papa. (GOMES, 1991). A carta apostólica descreve o motivo da criação da companhia:

Foi instituída principalmente para o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristã e para a propagação da fé, por meio de propagações públicas, do ministério da palavra de Deus, de exercícios espirituais, de obras de caridade, formação cristã das crianças e dos rudes e por meio de confissões. (GOMES, 1991:132)

Observa-se que a não ser pelo inciso em que diz : "formação cristã das crianças e dos rudes", nada nos remete a entender que o objetivo da ordem era se consagrar no ensino. No processo embrionário e de desenvolvimento não se teve sequer a criação de

seminários para os próprios eclesiásticos que faziam parte da Companhia. A partir do momento em que a educação se torna um forte meio para a propagação cristã, os jesuítas começam a desenvolver um sistema que atendesse ao período crítico em que a igreja vivia. Era o Renascimento, trazendo a tona novamente as concepções clássicas e deixando pairar no ar um questionamento sobre a realidade religiosa vigente.

Verifica-se que desde esse período de consolidação a ordem já apresentava opositores, segundo José Eduardo Franco no livro *O Mito dos Jesuítas* “o fenômeno do antijesuitismo, sendo tão antigo e primordial como a ordem de santo Inácio, também é um fenômeno que acompanha a expansão dos jesuítas por toda a Europa” (FRANCO, 2006: 20).

4.1.2 O sistema educacional

Desde sua criação, os colégios apresentavam uma fisionomia familiar que o diferenciavam de outras instituições de ensino “coexistentes nas mesmas unidades de espaço e tempo” (FRANCA, 1952:27). Não que isso torne o sistema, de fato, muito original. Para um estudioso da pedagogia não seria de todo difícil produzir uma árvore genealógica. Os primeiros jesuítas não tinham como interesse propor inovações e nem romper com tradições escolares vigentes, pelo contrário, se adaptaram da melhor maneira possível aos métodos pré existentes.

O método pedagógico adotado pelos jesuítas se baseava no “modus parisiensis”. Jerónimo Nadal foi o responsável pela inserção do mesmo nos seminários-escolas da Companhia de Jesus. A escolha era conveniente por ser um método que apresentava coerência, rigor, alta eficácia, ordem, rapidez na aprendizagem e disciplina. Além de tudo, era um momento importante de se recorrer a clássicos franceses já que a igreja católica estava cada vez mais ameaçada pelo momento histórico conhecido como reforma protestante. A Universidade de Paris se adaptava ao movimento renascentista que surgia. Além disso, não só Loyola mas também outros companheiros tinham sido estudantes da universidade francesa e alguns já haviam tido contato com métodos espanhóis e italianos, atuando na escolha de forma racional e pensada. “...Nesta universidade poderá ele aprender em poucos anos, o que em qualquer outra não conseguiria senão depois de longo tempo. Além disto, entre os estudantes desta cidade mais do que em outras há em geral maior honestidade e religião.”³ Carta em que Loyola escreve a seu sobrinho, demonstrando a admiração que tinha por esse método. (FRANCA, 1952)

O *ratio studiorum* foi construído e consolidado durante o período em que Cláudio Acquaviva foi o superior geral. Primeiramente foi escolhido uma comissão de 12 membros para analisarem como deveria constar a organização do sistema de ensino. A comissão se tornou mais restrita com o tempo. Após nove meses de trabalho o texto foi encaminhado para alguns professores do colégio romano para que estes efetuassem críticas. O documento já revisado foi impresso e enviado a todas as províncias. Em cada região cinco padres foram escolhidos para em um período de 5 ou 6 meses mandarem um parecer sobre a funcionalidade do texto. Quando os pareceres foram reunidos, três dos responsáveis pela elaboração inicial revisaram-no. A segunda versão ficou por três

³ Epistola S. Ignatii, I, 148.

anos em ação aguardando que os resultados fossem notificados ao superior geral. Como consequência o *ratio* foi reduzido a metade, de 837 regras, tem-se 466. (GOMES, 1991)

Verifica-se com isso que o documento foi construído em cima de uma análise aprofundada e não aleatoriamente. Por mais que pareça demasiado diferente para a concepção atual do que seja uma educação de qualidade, para a época traduzia um real desejo em se ter escolas com grande eficácia. Claro que, ainda nesse momento, a elite era privilegiada no acesso aos sistemas de ensino.

De fato, o *Ratio* não é um tratado de pedagogia, não expõe sistemas nem discute princípios. A edição de 1586 enveredara por este rumo; foi criticada e substituída pela de 1599. Ao tratado sucedeu o programa. (FRANCA, 1952:43)

Conforme a citação anterior é necessário deixar claro que o documento não está cuidadosamente organizado com os parâmetros que conhecemos atualmente, é mais como um manual prático dividido em etapas com o interesse de construir o professor e o aluno ideal.

O fim da Companhia não é somente ocupar-se com a graça divina, da salvação e perfeição das almas próprias, mas, com esta mesma graça, esforçar-se intensamente por ajudar a salvação e perfeição das do próximo. (Const., Primeiro exame geral, § 3)⁴

Pretendiam desenvolver não só as capacidades literárias e teológicas do indivíduo, mas também sua possibilidade de tender para Deus e ser um membro digno de uma família. “A companhia de Jesus pretendia reavivar o espírito cristão, extirpar os vícios que maculavam a sociedade e chamar os extraviados à pureza e unidade de fé” (RODRIGUES, 1917:9). Loyola queria criar homens com domínios completos de si mesmos. Estava convencido que um homem não era completo só com a instrução, pelo contrário, podia tornar-se um perigo para a sociedade. A Doutrina religiosa devia estar vinculada ao ensino.

Um educador sem fé, sem Cristo, sem Deus, pai e mãe sem oração, sem altar, crença sem religião! Ah! Eu arredo desta vista o meu pensamento e o meu olhar: e afirmo que, sejam quais forem os pais, o educador e o educando, sejam quais forem os dons da natureza, do gênio, da fortuna, toda a obra da educação não será para o futuro mais que devastação e ruína⁵

A estrutura hierárquica do colégio era composta por um Reitor, a figura central como se conhece hoje, um prefeito de estudos como braço direito da reitoria e que tem por objetivo acompanhar de perto toda a vida escolar. E em seguida tem-se o prefeito de disciplina que tem como função auxiliar o prefeito citado anteriormente. (FRANCA, 1952)

O sistema secundário, ou seja, aquele que não era universitário tinha como componentes: prefeito de estudos menores, professor de Retórica, professor de Humanidades, professor da classe superior, média e inferior de gramática. Só podia se elevar para o nível superior aquele que tivesse uma assimilação integral dessa primeira

⁴ As constituições começaram a ser escritas por Inácio de Loyola em 1547 e foram concluídas depois de sua morte

⁵ Trecho retirado do livro “Formação intelectual do Jesuíta”, RODRIGUES, 1917:15/16, referente a uma fala de um pedagogo não nomeado pelo autor

etapa. O currículo que podia chegar até 7 anos de estudo, pode ser verificado na tabela a seguir a versão mais estendida possível. (*ibid*, 1952: 48)

Tabela 1
Currículo Máximo

Grau	Classe	Ano
1	Retórica	7
2	Humanidades	6
3	Gramática superior	5
4	Gramática média A	4
4	Gramática média B	3
5	Gramática inferior A	2
5	Gramática inferior B	1

Com a gramática inferior se alcança o conhecimento perfeito dos rudimentos da gramática e noções iniciais de sintaxe (Le-1). O grau posterior concede um conhecimento geral da gramática, mesmo que ainda não no estágio da perfeição (Ld-1), a perfeição se alcança no nível seguinte (Lc-1) em que o estudo já é resultado de um trabalho exaustivo. Os estudos de Humanidades é como um meio preparatório para a retórica, obtêm-se conhecimento da linguagem e noções iniciais de retórica (Lb-1). No derradeiro grau (La-1), o estudante tem “uma expressão perfeita em prosa e verso, e abrange os conhecimentos teórico e prático dos preceitos de arte de bem dizer e uma erudição mais rica de história, arqueologia etc” (*ibid*, 49)

As classes de gramática asseguram-lhe uma expressão clara e exata, a de humanidades, uma expressão rica e elegante, a de retórica mestria perfeita na expressão poderosa e convincente *ad perfectam eloquentiam informat*. O latim e o grego são as disciplinas dominantes. As outras, o vernáculo, a história, a geografia, as *realia*, não tem um estatuto autónomo, são ensinadas concomitantemente na leitura, versão e comentários dos autores clássicos (*ibid*, 49)

Verifica-se com isso que o curso proposto pela Companhia de Jesus priorizava as ciências humanas como fonte de conhecimento. Isso não é algo assustador sabendo-se que a igreja não pretendia efetuar estudos matemáticos e físicos, a explicação de qualquer questionamento estaria nos textos clássicos, nos sermões e até na fala do Sumo Pontífice.

Os meios pedagógicos utilizados pela Companhia incentivavam repetidamente o tratamento brando com os alunos, ensinando a paz e a caridade, como pode se verificar nas “constituições”. Utilizavam a prática do amor para chegar perto daqueles que possuíam mais dificuldade em se render às ordens. A expulsão de um aluno não deveria vir por sua omissão mas sim por algum caso extremo de escândalo. Os castigos físicos só eram utilizados em casos muito graves, como nos afirma Franca, os “jesuítas não eram amigos dos castigos corporais”. Os professores pregavam a inocência e muitas vezes faziam o tanto quanto possível para afastá-los dos livros tidos como pagãos.(RODRIGUES,1917)

A disciplina, escreve o eminente pedagogo já citado, é para a educação o que é a casca para a árvore...a casca parece-nos apenas um invólucro grosseiro, mas conserva na árvore e em todas as duas partes a força e o viço. Assim é a disciplina: nos parecerá umas cascas um tanto áspera e escabrosa da educação,

mas é ela que tudo conserva, educa e rebustece. (DUPANLOUP *apud* RODRIGUES, 1917:28/29)

O *Ratio* propunha 5 horas de aulas diárias, cerca de duas horas e meia na primeira metade do dia e as horas restantes na parte da tarde. O tempo era cuidadosamente dosado para atender as lições de grego, latim, prosa, poesia e os exercícios escolares que os professores adotavam para elucidar mais um assunto e cativar os alunos. O trabalho dentro da sala de aula recebia complemento de outras atividades como exercícios suplementares, teatro, pregações no refeitório e leitura de outros autores além daqueles que já eram exigidos. O sistema desenvolvido conseguia obter um máximo aproveitamento do tempo, como nos indica um autor protestante:

Que o *Ratio Studiorum* tenha sido elaborado com grande sabedoria e diligência invulgar é o que se não pode por em dúvida. Nem tão pouco é possível contestar que, no seu conjunto, o seu plano de estudos de adapta bem às exigências do tempo; tudo o que tinha um valor no mundo científico só século XVI foi nele levado em consideração. Não duvido tão pouco que, pela sua organização escolar, a ordem tenha promovido eficazmente a difusão da cultura intelectual e, em particular, o conhecimento das línguas clássicas nos países católicos, onde os jesuítas eram os mestres mais instruídos e mais zelosos. (PAULSEN *apud* FRANCA, 1952:55/56)

O *Ratio* adotava a *preleção* como o “centro didático do sistema”. Era uma explicação fornecida ao aluno sobre o que esse deveria estudar anteriormente, para que houvesse certo movimento e mais facilidade de compreensão na sala de aula. Após uma leitura e uma resumida no texto em trabalho o professor atuava com correções, estudos de figuras linguagem e outros trabalhos gramaticais. Com o tempo a interpretação passava a ser menos textual e dava lugar a um estudo mais técnico, vinculado a sintaxe e regras gramaticais. (FRANCA, 1952)

Dentre outras características, o documento também incentivava que os alunos formassem grupos de 10 após as aulas para efetuar uma repetição da matéria estudada. O estudo jesuítico era praticamente integral se for observar as atividades extras. O aluno deveria ter o seu tempo para estudo privado, de forma a fundamentar a sua compreensão. O *Ratio* também expõe grande preocupação na formação de professores, exigindo desses uma real qualidade e competência. O professor João Bonifácio, pedagogo jesuíta dizia: “tudo depende do professor”. Até mesmo do Reitor isso era uma ressalva, para ocupar esse cargo o homem deveria obter grande e notável experiência na arte do ensino.(GOMES:1991).

Tornar mais homem, eis o alvo que mirava todo o trabalho educativo...Para atingi-lo a linguagem constitui o instrumento mais adequado e eficiente. Só pela palavra pode o educador atingir o espírito do aluno, só pela palavra pode o aluno manifestar o próprio espírito. (FRANCA, 1952:82)

Existem outras tantas características que definiam as escolas jesuíticas, apontei as que achei de relevante para um trabalho inicial. Observa-se em relação a esse sistema um grande interesse em alcançar a máxima perfeição. Assim como muitos autores julgam essas escolas como ineficientes, outros tantos a consideram inovadoras em muitos aspectos trazendo valores básicos essenciais para uma atividade estudantil próspera. Esse artigo não pretende, como já foi dito nos objetivos dizer o que é certo ou errado, é apenas uma exposição. O importante, creio, seja retirar de cada momento

histórico o melhor que ele tem a oferecer para os dias atuais, como um ensinamento. Quem nunca sentou perto de algum ancião para ouvir histórias do passado? Façamos isso em relação a história do nosso sistema educacional e sejamos inteligentes no ato de aprender e propor melhorias.

4.2 A influência do sistema na educação brasileira colonial

O ensino médio e o ensino fundamental nascem em um período que o Brasil ainda não se instalava como o “grande” interesse da metrópole. O sistema baseava-se no que alguns autores chamam de “terceirização”, o rei se exime da responsabilidade entregando o compromisso de exercê-la nas mãos dos jesuítas. O custeamento, claro, também se desprendia da coroa. Tem-se como resultado uma exclusão da grande maioria da população como os Índios, negros e colonos pobres. “ Aparece mais como ilustração para poucos e como mecanismo de reprodução da rarefeita elite rural e comercial existente do que como meio de formação da pessoa e do acesso ao conhecimento” (PINTO, 2007). Opinião exposta pelo autor em um artigo que trata especificamente do ensino médio brasileiro. Eu complementaria essa citação dizendo que o objetivo de formação da pessoa e do alcance ao conhecimento existia, mas nem de longe pretendia arrebatar toda a população. O que em resumo, não torna o sistema eficiente, na nossa concepção atual de eficiência. Mais adiante os Jesuítas atuaram na catequização de índios e alguns dos seminaristas, como José de Anchieta chegaram a atuar na produção de gramática da língua indígena.

O autor também define a formação jesuítica como escolástica, de caráter literário, aristotélica baseada na versão camuflada de São Tomás de Aquino, formalista, centrada na hermenêutica, falta de experimentação e valorização da repetição ao contrário do real entendimento. Características que podem, segundo ele, serem vistas até hoje no ensino brasileiro. Como estudante que sou e que fui, tenho que concordar quanto a necessidade atual em se valorizar mais a experimentação e trabalhar o ensino com um caráter de “decoreba” bem mais reduzido. Quantas pessoas não perguntam a um geógrafo o nome da capital de alguma cidade no interior de um país que pouco se ouve falar? Como criticá-los, a escola ensina a geografia como uma ciência de decorar nomes de cidades, rios e tantas outras coisas.

Verifica-se que desde a sua criação, essas duas etapas de ensino já se apresentavam com o caráter seletivo que perdura até hoje. Até o momento da retirada dos jesuítas da colônia brasileira, quando dada a ordem do primeiro ministro Marquês de Pombal, em Portugal, o Brasil já apresentava 17 seminários-escola. Se comparamos com o México, colônia espanhola, verificamos que este já possuía uma universidade com mais de 2 séculos de existência. (PINTO, 2007)

Romualdo P. de Oliveira e Theresa Adrião (2007), quando em referência ao ensino fundamental citam Martinho Lutero, criador da igreja Luterana que trazia grandes protestos em relação a forma como o catolicismo guiava a educação religiosa. Ele defendia a alfabetização das massas populares para que os fiéis pudessem ter acesso as santas escrituras. Propunha que isso fosse colocado em prática pelos príncipes. De alguma maneira já existia nesse época uma outra visão sobre o acesso ao ensino, menos seletiva por assim dizer.

O que se tem então é ainda um sistema em crescimento. A população brasileira tão diversificada entre europeus, índios e negros não tem ainda uma unificação (quando digo “não tem ainda” também me refiro aos dias atuais), o povo brasileiro está dividido entre obrigações e oportunidades. Vejam só, ainda somos colônia, nem um estado próprio havia se consolidado. Estávamos engatinhando (me pergunto se já começamos a andar).

4.3 Um olhar geográfico

Onde se encaixa a geografia? Ou melhor, existe algum lugar em que a geografia está ausente? Ela está presente em sua totalidade. Temos aqui um território: o Brasil, atores sociais, cidadãos, em resumo uma população, temos uma história e uma problemática por assim dizer. Temos geografia e um geógrafo com uma câmera e idéias a serem utilizadas para a melhoria na qualidade de vida do povo brasileiro. “Já não basta a teoria geográfica localizar, demarcar e mapear o espaço. É preciso saber ler e entender de mudanças. De sorte que de um lado há que ter na cabeça novas ideias. De outro lado, há que ter nas mãos nova câmera” (MOREIRA, 2007:16).

A educação ainda não é uma solução social, é um problema que a sociedade vivencia. O tempo mudou, hoje a grande questão não está mais no jesuitismo, mas na ausência do Estado, nas privatizações e na falta de regulamentação, mas o componente espacial continua sendo o mesmo. O Brasil é, como era antes, o palco em estudo. Algumas semelhanças podem ser observadas entre as primeiras escolas e as atuais. A falta de atividades práticas, ou seja, de experimentação, falta de incentivo a música e artes plásticas, no entanto, já não se encontra escolas onde a força física possa ser utilizada, algo que talvez ainda perdurasse nos anos 50, e ao mesmo tempo não se verifica mais nas escolas uma valorização ao professor e sua importância. A chave da problemática é organizar o que se tem de bom em cada época para instituir um sistema cada vez mais ideal à realidade que vivemos. E para se construir isso é necessário um olhar geográfico.

5. Conclusão

Tem-se aqui um breve estudo a respeito dos inícios do sistema de ensino do único país resultante de colonização portuguesa do continente americano. Temos, de fato, muitas semelhanças em relação a nossos irmãos hispano-americanos, mas é inegável assumir que as colônias espanholas tem uma historicidade diferenciada em muitos aspectos. Seja como for, não só o Brasil mas praticamente todos os países da América latina tem um sistema educacional em déficit. Durante muito tempo, dentro da dimensão temporal que posso ter com meus 20 e poucos anos, me questioneei quanto a solução possível para o problema existente, queria uma fórmula pronta e perfeita, que logo fosse adotada e todos se tornassem dali em diante, felizes para sempre. Não que eu tenha deixado de acreditar em milagres, mas pensei que sistematizar minha maneira de ver a educação talvez supra um pouco mais essa angústia e quem sabe traga algum resultado. É nisso que acredito e por isso construo esse primeiro artigo. Pretendo continuar com o meu trabalho, me aprofundando em algumas características das escolas jesuítas, que como eu disse anteriormente, aqui só foram resumidas, avançar para as reformas Pombalianas e alcançar as reformas posteriores. Cronologicamente e sem pressa, quero exercer a minha geografia com uma base mais sustentada e fundamentada no conhecimento. É necessário, como logo conclui, ter opinião própria, analisar sem se deixar influenciar completamente por um autor ou outro. No início de minhas leituras

me deparei com autores que criticaram friamente os jesuítas e quando me deparei com o documento que os regia senti-me duvidosa em reproduzir aquela opinião. Até que alcancei a compreensão de que achar o certo ou o errado seria simplesmente uma fuga a meu objetivo inicial. Não me cabe julgar o que se passou, quero aprender lições que possam ser utilizadas nos dias atuais. Sobre o dia de hoje eu posso dizer dos erros que vejo, a distância discrepante entre um ensino público, um ensino privado e um ensino de qualidade, a falta de investimento naqueles que deveriam ser um futuro e não um problema social, o analfabetismo, o elitismo e tantos outros problemas. E mesmo parecendo utópico que uma jovem estudante de geografia pretenda fazer alguma diferença, eu estudo, leio e construo, convicta que através da melhoria educacional avistaremos no horizonte um Brasil e um povo brasileiro. Ordem é progresso!

6. Bibliografia

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRANCO, José Eduardo. **O mito dos jesuítas: em Portugal, no Brasil e no Oriente: séculos XVI a XX**. 1ª Ed. 2 Volumes. Lisboa: Editora Gradiva. 2006-2007.

GOMES, Joaquim Ferreira. **O “Ratio Studiorum” da Companhia de Jesus**. Coimbra. 1991.

LABRADOR, Carmem, **La Ratio Studiorum de los Jesuitas**, UPC, Madrid, UPCM, 1986.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. 1ª Ed. São Paulo. Editora Contexto:2007

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa. *O ensino fundamental*. IN **Organização do ensino no Brasil**. OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (Orgs). 2ª Ed. São Paulo. Editora Xamã: 2007.

PINTO, José Marcelino de Rezende. *O ensino médio*. IN **Organização do ensino no Brasil**. OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (Orgs). 2ª Ed. São Paulo. Editora Xamã: 2007.

RODRIGUES, Francisco, S.J. **A formação intelectual do Jesuítas/Leis e Fatos**. Porto: Editora Livraria Magalhães e Moniz, 1917.